

O HIBRIDISMO MEDIANTE O OLHAR DE BHABHA E A QUESTÃO DA LINGUAGEM E IDENTIDADE NO PÓS-COLONIALISMO

Sandra Regina Motta (UEMS)
sandrasandra2525@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem a premissa de analisar o pensamento crítico do indiano Bhabha sobre os conceitos de hibridismo e conjuntos de valores em uma sociedade no pós-colonial. Nesse sentido, esse trabalho se propõe a investigar como se constrói os discursos coloniais e os conjuntos de valores que vão se produzindo por intermédio das relações de colonizadores e colonizados, e como os sujeitos são representados para a construção da identidade mediante um confronto de representações dentro de uma relação hegemônica. Para Bhabha a retratação do sujeito pós-colonial é balizada pelo pensamento ideológico submetido às construções sociais dentro de uma perspectiva de linguagem e identidade submetido ao olhar do colonizador e a silêncios articulados, nessa perspectiva, o autor propõe o discurso como prática significatória no processo de desconstrução de imagem e representações. Para o autor pensar em Hibridismo é pensar na heterogeneidade entre os deslocamentos em que os sujeitos desses contextos vão se construindo mutuamente. São essas questões que o nosso trabalho se propõe a pensar.

Palavras-chave:

Multiculturalismo. Hibridismo cultural. Linguagem e identidade.

ABSTRACT

This article has a premise for the analysis of the critical thinking of the Indian Bhabha on the concepts of hybridity and sets of values in a post-colonial society. In this sense, this work proposes to investigate how the colonial discourses and the sets of values that are produced through the relations of colonizers and colonized are built, and how the subjects are represented for the construction of identity through a confrontation of representations within of a hegemonic relationship. For Bhabha, the portrayal of the post-colonial subject is guided by the ideological thought submitted to social constructions within a perspective of language and identity submitted to the colonist's gaze and to articulated silences, deconstruction of image and representations. For the author to think of Hybridism is to think of the heterogeneity between the displacements in which the subject contexts are mutually constructed. These are the questions that our work aims to think about.

Keywords:

Multiculturalism. Cultural hybridism. Language and identity.

1. *Introdução*

Este trabalho é fruto das aulas de Fundamentos em Linguísticas Aplicada proferidas pelo professor doutor Ruberval Franco Maciel, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Nesse sentido, entre as muitas teorias apresentadas, nos identificamos com o pensamento crítico do indiano Bhabha, no que se refere o conceito de Hibridismo. Além de outros autores nos valerá, em especial, a visão sobre Bhabha do pesquisador/autor Lynn Mário, que foi muito visitado na nossa disciplina, além de termos tido o prazer de assistirmos a uma aula com o referido autor.

O trabalho inicia-se falando sobre os conjuntos de valores dentro de um constructo social, e as práticas de significações dentro de um contexto de pós-colonialismo, pensar e repensar as convivências simultâneas das culturas e das identidades, de forma a mesclar, fluir, e intercambiar o colonizador e o colonizado. Intervindo em todo o processo de construção de imagem do colonizado, de maneira que essas culturas sofram o hibridismo, que é, justamente, o intercâmbio de culturas, intercâmbio que tem um movimento pendular para a cultura, religião e arte do colonizador.

Nesse sentido, o hibridismo deveria oportunizar o conhecimento e o estabelecimento de contato com o novo e com o diferente, e oportunizaria, ainda, o respeito com a cultura do outro. No entanto, como veremos ao longo do nosso trabalho, o hibridismo deturpa a imagem do colonizado de maneira que subjuga sua forma de viver, e sua autoimagem, uma vez que na tentativa de se aproximar o colonizador, passa a usar falsas máscaras, na tentativa de, por meio de mímicas, copiar o colonizador.

2. *Os conjuntos de valores dentro de uma construção social*

A construção social e seus conjuntos de valores tornou-se objeto de estudo nos últimos tempos, pois são esses constructos que vão estabelecendo os preceitos do sujeito na era moderna.

Os valores de uma nação vão sendo construído mediante uma junção de culturas que vão sendo construída ao longo do tempo. Para Bosi (1992) é o resultado de uma herança de valores, e também de objetos que são compartilhados por um grupo de humanos coesos. Nesse interim, esses valores resultam na identidade de um povo que foi construído por meio de processos inconscientes de transmissão de valores e saberes.

A ambiguidade cultural se manifesta nas práticas de significação a todos os autores envolvidos, e em qualquer situação social, e não poderia ser diferente no contexto de pós-colonialismo, que é, justamente, o que nós propomos a estudar e relatar neste artigo, sob o viés de pensamento de Bhabha, viés que foi fruto de sua experiência pessoal, já que se propôs a estudar o Hibridismo dentro de uma imersão contextual, uma vez membro da elite indiana, país que foi colonizada pelos ingleses por quase dois séculos.

O Hibridismo que encontramos em Bhabha, nos ajuda a pensar e repensar as convivências simultâneas das culturas e das identidades, de forma a mesclar, fluir e intercambiar o colonizador e colonizado. O autor esse propõe a estudar o discurso colonial britânico e suas relações de domínio que em certa medida causou distorções e silêncios. Pois quando uma sociedade é colonizada, um poder dominante se manifesta no inconsciente coletivo e para Bhabha, o hibridismo resulta em um sentimento de superioridade em relação aos colonizados e, de inferioridade em relação aos colonizados.

O autor coloca o sentimento de superioridade e inferioridade, como sendo uma experiência de ironia, pois dois sistemas de valores e verdade se relativizam, se questionam, se sobrepõem, de maneira que, a ambiguidade influencie de maneira especial as características comportamentais. Essas relações de colonialismo, abordada aqui neste artigo, nos faz refletir sobre as relações entre os colonizadores/opressores e colonizados/oprimidos, e a violência imposta pela colonizado, além, da naturalização de uma visão de mundo que não a do colonizado, mas que lhe é imposta.

Essas relações ambivalentes são construídas mediante estereotipação que são postas nesses meios culturais que são impostos, e contribui para a hierarquização dos indivíduos dentro do seio social, já que, somos fruto do meio cultural e político que estamos inseridos, sendo assim, essas ambivalências incorporam a desigualdade e opressão como algo natural.

Esses estereótipos produzidos por esses discursos, serão quebrados mediante a reconstrução da identidade dos indivíduos, com discursos articulados marcados por deslocamentos e uma meditação profunda em relação a esses mesmos discursos de representação. Nesse sentido, Bhabha (1994) diz:

O reconhecimento do estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder requer uma resposta política e teórica que desafie os modelos deterministas e funcionalistas da concepção do relacionamento entre discurso e política. (BHABHA, 1994, p. 178)

2.1. O hibridismo

O hibridismo é um fenômeno histórico- social que resulta do contato entre grupos distintos. Em se tratando de hibridismo cultural, podemos dizer que são a imbricação de muitas culturas, porque todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, tanto absorve a cultura do outro, quanto coloca sua própria cultura. Com isso, esses hibridismos culturais acabam sendo transformados e originando outras formas de viver e ver o mundo, se dentro de uma mesma cultura existe muitas visões, imagina em culturas diferentes.

Somos acostumados a ver o diferente com ressalvas e estranhezas, tudo aquilo que não é espelho nos causa de certo modo um preconceito, o que deveria ser diferente, no entanto, o pluralismo cultural que deveria ser respeitado, dá lugar a uma imposição de visão tanto da cultura quanto do sujeito. O nosso artigo se propõe a relatar o que foi aprendido nas aulas de mestrado, como falado acima, sobre o hibridismo dentro de um contexto de pós-colonialismo, dentro dessa perspectiva, é importante dizer que o hibridismo seria uma oportunidade importante para conhecer e estabelecer contato com o novo e com o diferente, com atitude de respeito para com a cultura do outro. No entanto, o que as literaturas pós-coloniais nos mostra, é que a cultura do colonizador é imposta e a cultura do nativo é subjugada.

Nesse contexto, sobrepõe à cultura do colonizado e a representação do nativo, por meio de uma representação deturpada, marginalizada e estereotipada, e que, em muitos casos nada tem a ver com o sujeito na sua forma orgânica. Bhabha (1998) conceitua o hibridismo “como uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de conhecimento”. Sendo assim, o pensamento de Bhabha, nos mostra o quanto essa representação deturpa a realidade do colonizado de modo a interferir na própria visão que ele tem de si mesmo. E dentro desse processo o colonizado fica sem uma identidade da qual se reconheça, e começa um processo de querer ser igual o colonizado, chamado de mímica, que falaremos abaixo.

2.2. O discurso colonial e o processo da mímica

O discurso colonial nega o sujeito enquanto detentor de sua própria cultura, e por meio do discurso passa a criar estereótipos de modo que o colonizado passe a atender a agenda civilizatória do colonizador, o que resulta em uma atitude disciplinadora do colonizador, nesse sentido, o colonizado é domesticado, perdendo, assim, a sua verdadeira essência. Essas práticas civilizatórias passam a ser construídas com a intenção de marginalizar o outro, e nesse processo de desconstrução da cultura do outro, passa a se instalar o processo de mímica.

O discurso civilizatório é na verdade um produtor de diferenças e marginalização do outro, que por meio de piadas, declarações e mitos racistas oprime o colonizado, o que o torna incerto em relação a sua própria identidade, já que começa a legitimação da colonização que pregou toda a inferioridade dos povos que foram colonizados, e isso não foi diferente da Índia quando colonizada pela Inglaterra. E esse foi uma empreitada em todo o processo colonizador europeu pelo mundo.

Essas questões estão todas camufladas por questões voltadas para a ciência, cultura e religião. Em que o único intuito é o de usar o discurso como instrumento para manutenção de poder, e usa o processo de reconhecimento da importância do outro, e a inclusão de práticas pautadas na hierarquização para o estabelecimento espontâneo da diferença, de forma que essas diferenças vão tornando-se corriqueiras e naturais. Sobre isso, Bhabha (1994, p.123) aclara: “A diferença do objeto da discriminação é ao mesmo tempo visível e natural.”

Esse processo chamado de mímica aponta para um caminho de transformação, com a clara intenção em se transformar no outro, e para isso são usadas máscaras, que como o próprio nome indica são máscaras, e não um lugar de conforto na sua própria pele. Bhabha, seguindo Facon, de acordo com Lynn (2004, p. 7), aponta três aspectos fundamentais no processo de construção da identidade em contextos coloniais: Em primeiro lugar; existir significa ser interpretado com relação a uma alteridade, ou seja, é preciso existir para o outro. Em segundo lugar; nesse espaço relacional marcado pela alteridade e pela duplicidade, surge o desejo ambíguo da vingança que provoca um processo de cisão; ao mesmo tempo em que o colonizado sonha em ocupar o lugar do colonizador, ele não quer abrir mão do seu lugar de colonizado. E em terceiro lugar; o processo de identificação, ou seja, o processo de fazer com que o colonizado assuma a imagem do colonizador, a cisão e a angústia no processo de

identificação surgem justamente na percepção do espaço intersticial e relacional entre a imagem (máscara) e a pele.

O poder colonizador é na verdade produtor de angústia para o outro, já que essas imagens são apenas uma máscara, como falado acima, que é imposta e usada como um processo de estereotipação do outro. E que justamente a desconstrução dessas imagens, impostas, é que vão romper com esses rótulos, como falaremos abaixo.

2.3. A construção da identidade pela análise da imagem

O autor acredita que a construção da identidade, as linguagens usadas e o entendimento de sujeito estão intimamente ligados, uma vez que a discussão do hibridismo aborda a questão sempre a partir da perspectiva da linguagem e da identidade. Bhabha se propõe, primeiramente o observar a construção da representação do sujeito em textos escritos por coloniais ingleses, e ele confronta a tentativa dos escritores, colonizadores e colonizados, em descrever o sujeito colonial, e segundo Lynn Mário, rejeita o binarismo maniqueísta em que seduziu os escritores pós-colônias em representar o sujeito de forma autêntica e rejeita a ideia de simplesmente trocar as imagens, e Bhabha valoriza o hibridismo como elemento constituinte da linguagem e representação.

A análise da imagem é vista como um importante reconhecimento do sujeito colonial, bem como a criação de sua identidade. Os autores das literaturas coloniais, preferiram representar o sujeito por meio de imagens. Essas representações trazem em seu bojo uma relação direta de representações, de maneira que é uma realidade dada e pré-construída. Sendo assim, ela não representa o colonizado em sua essência, uma vez que é uma imagem de fato pré-estabelecida. Essas representações estão no campo do pressuposto, uma realidade extratextual e extralinguística, não fixando no nativo um grau de reconhecimento uma vez que estão ali visões estereotipadas de uma literatura de imagem sem um cunho representativo na sua originalidade e essência.

Na verdade, são essas representações que contribuem para a construção do sujeito colonial, no entanto, é necessário que ela seja construída a partir de uma origem/essência marcada pela visão do referente, para que a partir disso, essa imagem possa ser avaliada como fidedigna, e, então, possa ser, de fato, reconhecida como uma representação fiel e propulsora de reconhecimentos. Uma vez que a representação ou imagem

é vista como um modo de transparente e direto, e contém uma dialética sujeito/objeto, essencial/não essencial, ou mesmo ilusão/realidade.

A análise ideológica tem como principal objetivo o de impor um sujeito pronto mediante o olhar externo e, muitas vezes, deslocado da realidade, de modo a causar distorções e silêncios, que tem uma natureza estratégica, agindo, no sentido, de manipular as relações de forças que são colocadas em situações como essas, colonizador x colonizado, e os jogos de poder vão se estabelecendo por meio dessas análises ideológicas e representações que vão se impondo com rótulos prontos, de maneira a fragilizar e estereotipar tudo aquilo que é diferente da força motriz, que se impõe, e assim, repele a presença do original com visão estereotipada e preconceitos.

Bhabha coloca a desconstrução como um modo crítico de abordar o real e o autêntico, e assim, ele coloca o discurso como prática significatória para desconstruir essas representações que são postas como sendo autênticas; desse modo, um processo que postula a significação, de modo holístico, olhando o colonizado como um ser com sua própria cultura e seus próprios valores. A partir desse olhar reformulado, começa a constituir um processo produtivo de significados, no qual várias posições de sujeito ideológico e historicamente situados passam a ser estabelecidos, de maneira que, o significado é construído e o leitor e autor são posicionados de maneira dinâmica possibilitando outras vozes no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K; *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila *et al.*, Belo Horizonte. UFMG, 1994.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras*. In: _____. *Dialética da Colonização*. 4. ed., 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. *Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.